



VOLUME - V.3

NÚMERO - N.2

DEZ. - 2025

ISSN: 2966-1439

P.56-70

JUAREZ:

O LOUCO EM UMA MEMÓRIA SENSÍVEL

JUAREZ: THE MANDMAN IN A SENSITIVE MEMORY

Renê Souza Andrade¹
Arnulfo Neto Brandão Araújo²

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo principal estudar as representações das memórias contidas na crônica "Juarez", de Alana Freitas El Fahl (2018), focalizando especialmente as lembranças do protagonista, que, mesmo desprovido da razão, constrói uma narrativa sensível de humanidade e reconhecimento. Para tanto, o presente texto adota uma estrutura contínua, que se inicia com a apresentação de algumas perspectivas sobre memória, seguida da descrição do objeto de estudo. Posteriormente, discute-se o gênero textual crônica e sua funcionalidade para os leitores e, por fim, abordam-se as memórias. O estudo analisa como a memória e a loucura se entrelaçam na constituição da identidade de Juarez, discutindo a forma como o texto literário ressignifica a marginalidade e os afetos. A análise da obra ocorre em paralelo com as temáticas elencadas anteriormente. Para as discussões acerca do gênero crônica, empregamos o aporte teórico de Walter Benjamin (1994) e A. F. El Fahl (2003). Para a discussão sobre as memórias e para a análise, contamos com Aristóteles (2015), Maurice Halbwachs (1968) e Jacques Le Goff (2013). O presente estudo busca oferecer subsídios para a apreciação da crônica "Juarez" e possibilitar múltiplas interpretações oriundas da riqueza dessa narrativa.

Palavras-chave: Crônica. Razão. Memórias.

ABSTRACT: This study primarily aims to explore the representations of memories within the chronicle "Juarez" by Alana Freitas Fahl (2018), particularly focusing on the memories of Juarez, the main character. Even though he is seemingly devoid of conventional reason, Juarez constructs both collective and individual memories. To achieve this, the present

¹ Doutorando em Estudos de Línguas (PPGEL/UNEB); Mestre em Estudos Literários (PROGEL/UEFS); Graduado em Letras- Português/Libras (UFRB). renneandrade01@hotmail.com.

² Graduando em Letras/Libras (UFRB). arnulfo.neto@aluno.ufrb.edu.br.

text adopts a continuous structure, beginning with an introduction that presents various perspectives on memory before describing the object of study. Subsequently, we discuss the chronicle as a textual genre and its functionality for readers, and finally, we delve into the concept of memories. The analysis of the work unfolds in parallel with the themes listed previously. For discussions regarding the chronicle genre, we employ the theoretical contributions of Walter Benjamin (1994) and A. F. El Fahl (2003). For the discussion on memories and for the analysis itself, we draw upon Aristotle (2015), Maurice Halbwachs (1968), and Jacques Le Goff (2013). This study seeks to offer insights for the appreciation of the chronicle "Juarez" and for the construction of multiple interpretations stemming from the richness of the narrative in question.

Keywords: Chronicle. Reason. Memories.

1 INTRODUÇÃO

"A experiência que se passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores" Walter Benjamin (1994, p. 198).

A epígrafe escolhida dialoga, diretamente, com a forma como a crônica articula a narrativa e a figura de Juarez. Essa relação entre narrativa e experiência se ancora na concepção benjaminiana de que toda história é, também, um testemunho da memória coletiva, mesmo em sua particularidade, é capaz de evocar e transmitir experiências e memórias. Afinal, a memória individual e coletiva constitui um campo de estudo vasto, que atravessa diferentes áreas disciplinares e não deve ser compreendida como um espaço restrito e definido. Atualmente, a memória tem sido abordada, por diversas perspectivas teóricas e problematizada, a partir da dinâmica contemporânea da crítica literária, da temporalidade, bem como do tempo vivido e do esquecimento.

Evidentemente, a memória conserva episódios da vida humana com expressiva vitalidade, mesmo que a existência do sujeito seja interrompida, precocemente, pela morte, por comprometimento biológico ou por acidente. Assim, afirma Benjamin, "[...] o tempo revela uma nova e até então desconhecida forma de eternidade a quem se aprofunda em seu fluxo" (Benjamin, 1994, p. 45).

O tempo, como responsável pelos acontecimentos, revela a memória que, por sua vez, eterniza os fatos por meio de seus três processos principais: a codificação, o armazenamento e a evocação. Desse modo, a discussão proposta neste trabalho atravessa

os campos convencionais de se pensar as memórias, para observá-las a partir de um sujeito que, embora não possua a plena posse de suas faculdades mentais, revela uma racionalidade *sui generis*. O presente texto se constitui por diálogos intertextuais que buscam sustentar a linha de pensamento desenvolvida neste estudo.

O estudo da crônica selecionada focaliza as atitudes cotidianas relacionadas às experiências de vida do sujeito Juarez, sendo permeadas por emoções vinculadas à condição essencial do reconhecimento e que emergem da memória involuntária diante das vivências e dos elementos do passado, tanto individual, quanto coletivo. A crônica “Juarez”, de autoria da escritora Alana Freitas El Fahl, integra uma coletânea composta por outras vinte narrativas, reunidas sob o título *Nós que apagamos a lua: 21 histórias para guardar*, publicada pela Editora Zarte, em 2018.

Em um primeiro momento, faremos uma breve apresentação da escritora e, posteriormente, nos deteremos no objeto de análise deste trabalho. A escritora e professora Alana Freitas El Fahl é mestra em Literatura e Diversidade Cultural, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e doutora em Teorias e Críticas da Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente, é professora titular de Literatura Portuguesa e Brasileira da UEF e autora de uma fortuna bibliográfica e dona de uma escrita refinada e sensível.

Com a apresentação da autora e a contextualização de sua relevância, e considerando que a crônica “Juarez” será o nosso objeto de análise, cabe agora uma reflexão aprofundada sobre o papel formativo e social do gênero textual crônica na vida do leitor. É fundamental compreendermos que a literatura tem a capacidade de aproximar o sujeito do real através da ficção, uma característica, particularmente, evidente nesse gênero. Essa contextualização reforça o caráter acadêmico e literário da autora, cuja escrita transita entre a sensibilidade estética e o registro da memória social.

Antes de adentrar a análise, é necessário compreender o gênero textual em que se insere a obra. A crônica tem suas origens nos rodapés de folhetins de jornais, no entanto, extrapola, na contemporaneidade, o espaço jornalístico e assume um estatuto literário autônomo, portando-se de estética e forma literária, tendo em vista que “[...] entre todas as formas épicas, a crônica é aquela cuja inclusão na luz pura e incolor da história escrita é mais incontestável” (Benjamin, 1994, p. 205). Ainda nas palavras de El Fahl (2008, p. 12):

A nossa crônica, como hoje é conhecida, é filha legítima do folhetim (do francês *feuilleton*), que consistia em um espaço localizado no rodapé dos jornais, com o objetivo único de divertir ou entreter o leitor, como uma espécie de pausa ou de bônus para os olhos cansados das notícias densas que sempre povoaram os periódicos.

As crônicas publicadas em jornais tornaram-se instrumentos informativos e de atração do público leitores de jornais, ganhando massificação do público. Para além da crônica jornalística, nos interessa falar sobre a crônica literária que, posteriormente, conquistou seus espaços no interesse dos leitores, acarretando uma rede de poder pela literatura.

Conforme El Fahl (2008, p. 16), a crônica literária “[...] não surge simultaneamente com os jornais brasileiros, mas se desenvolve a partir do instante em que esses periódicos passam a ter edições mais frequentes e mais disponíveis para os leitores”. Os cronistas editam suas narrativas dentro dos temas literários, sem confrontar com outros gêneros literários, mas adiantando ao leitor, em formato estrutural curto e, por vezes, econômico de palavras que dá margem à tese da narrativa.

O cronista literário pode ser compreendido como um agente que estabelece um elo entre a literatura e a sociedade, mediando as relações entre os sujeitos sociáveis e os fatos cotidianos. Nesse sentido, ele constrói uma rede de significados que dialoga com o público leitor, articulando experiências, temas e perspectivas sociais. Tal perspectiva dialoga com a noção de mediação cultural proposta por Bakhtin (1997), para quem o texto literário se constitui na interação entre autor, leitor e contexto social.

O narrador literário, enquanto artesão das palavras, “[...] narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser perdido para a história” (Benjamin, 1994, p. 223). Compreende-se, portanto, que as experiências e as lembranças convertidas em narrativa configuram-se como fontes de vitalidade simbólica e devem ser preservadas não como “arquivos mortos”, mas como registros dinâmicos que mantêm viva a memória social e favorecem a emergência da crítica. O indivíduo Juarez, nesse contexto, pode parecer um sujeito marginal ou secundário no âmbito social, à luz de perspectivas que hierarquizam os acontecimentos; contudo, sob o olhar de quem reconhece a vida como campo de produção de sentidos e de memórias, evidencia-se como parte constitutiva do meio e

como agente de significação nas práticas coletivas de rememoração. Assim, a literatura reafirma sua função social ao conferir visibilidade ao sujeito comum, ao ressignificar o cotidiano e ao instituir a memória como espaço de resistência e de permanência simbólica.

2 ENTRE A RAZÃO E O SENTIR: A MEMÓRIA COMO ESPAÇO DE HUMANIDADE, LOUCURA E SABER NA LITERATURA

A sensibilidade do cronista não corresponde a uma forma de sentimentalismo, mas ao uso de uma lente literária capaz de apreender os mínimos detalhes em meio às grandezas que são contempladas por todos. Nessa perspectiva ampliada, o cronista orienta o olhar do leitor para que também perceba o que geralmente passa despercebido. Na crônica “Juarez”, narrada por uma voz feminina — uma narradora-personagem que fala de si, de suas experiências e do breve instante em que o tempo se suspende — observa-se o predomínio do tempo psicológico, próprio das memórias que resgatam as vivências desde a infância, quando a presença daquele “louco” já se fazia constante: “Isso não deve ter durado um minuto, mas o tempo parou” (El Fahl, 2018, p. 43).

Nesse sentido, o protagonismo de Juarez revela o apagamento social de sujeitos, cujas formas de apreender o mundo e de se relacionar com a racionalidade divergem dos padrões convencionais. Para dar sentido às coisas, todo sujeito recorre à sensibilidade, pois é a partir dela que se inaugura o processo racional que se consolida em etapas posteriores, quando o sentir se transforma em compreensão e o vivido se converte em pensamento. Essa leitura se aproxima da proposta de Foucault (1978), ao discutir os mecanismos de exclusão da loucura e sua relação com o saber e o poder.

Como exemplos de manifestações da loucura na literatura, podemos citar *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, cujo protagonista vivencia uma desconexão profunda com a realidade. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, encontramos Policarpo, cuja visão idealizada de pátria e cujos pensamentos singulares o conduzem a um estado que, para muitos, se aproxima da loucura. Também é possível mencionar “O Alienista”, de Machado de Assis, em que o protagonista Simão Bacamarte, médico

dedicado ao estudo da mente humana, acaba por revelar, em sua busca pela razão absoluta, traços de desequilíbrio e desmedida.

Ao trazer tais representações, a literatura amplia as fronteiras do humano, reconhecendo a diferença como parte da experiência universal. Esses exemplos evidenciam como a literatura representa a loucura não apenas como condição individual, mas como construção social e crítica cultural, em consonância com a perspectiva de Foucault (2004), segundo a qual a loucura é historicamente situada e regulada pelas instituições, e com Freud (2017), que aponta as tensões entre instintos individuais e normas sociais como espaço de conflito psíquico.

Os exemplos literários citados buscam, portanto, desconstruir a identidade social homogênea atribuída a indivíduos considerados loucos, uma vez que essa visão desconsidera suas singularidades, manias e características próprias. Longe de uma identidade única, a literatura revela a existência de indivíduos que vivenciam a loucura de maneiras diversas, apresentando-se em variadas condições sociais e de vulnerabilidade. É justamente por meio da literatura que podemos explorar esses espaços plurais ocupados por sujeitos cujas lógicas e percepções se desviam dos padrões convencionais da razão.

Em outros tempos, os loucos eram postos à margem da sociedade, o que acarretava, por vezes, seu silenciamento dos alvos, que pode ter sido o caso de Juarez, assim como de outros que se tornaram agressivos devido ao sentimento de exclusão dos meios de convivência. No passado, os loucos eram condenados pela Igreja Cristã, sendo vistos como possuidores de espíritos malignos; outros eram internados em sanatórios, tendo suas vidas privadas das convivências e da relação com a natureza e com seus pares; e ainda outros eram recolhidos e levados pela polícia para que desocupassem as ruas, praças e espaços privados.

O tempo é o agente que revela a memória e esta, por sua vez, é responsável por eternizar os fatos. O poder da memória, quando evocado pela literatura, é capaz de transcender a própria sepultura. O clássico machadiano *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ilustra isso, apresentando um narrador-defunto que relata sua própria existência já finda. Assim, fica evidente que, embora o corpo retorne ao pó, a memória se eterniza, imortalizando a experiência humana para além dos limites da finitude biológica.

Através da ciência clínica, ponderamos que os loucos são cheios de dopaminas, que é um neurotransmissor com função de atuar no controle do movimento. A mente do sujeito louco fica, extremamente, “ligada” e facilita a conexão e associação das coisas. Na loucura, há sabedorias e nem tudo é desconectado. Prova disso é Juarez, que, em um gesto de doação ímpar, demonstrou sua conexão com a vida, com as experiências e que exerceu a gratidão. É perceptível, no personagem Juarez, a sua sensibilidade em vários episódios da narrativa; destacamos:

Juarez se levantou do seu canto como um cavaleiro andante e parou com os braços abertos no meio da rua, parando o trânsito para que eu recolhesse em segurança meu material e pudesse recompor minha ordem (El Fahl, 2018, p 41).

Observa-se na passagem a manifestação de sentimentos de afeto e cuidado de Juarez em relação à professora, que, em diferentes momentos, havia recebido apoio de sua família. Essa relação de gratidão se reflete no gesto do personagem, que, ao perceber a situação de risco, interrompe o trânsito para que ela pudesse recolher seu material com segurança.

É perceptível o cuidado de Juarez para com aquela jovem professora, ao colocar sua vida em risco parando os automóveis a fim de preservar a vida daquela dama. Como ensinamento fecundo de amor e doação para com os outros, nas Sagradas Escrituras, no livro de João, Jesus diz “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida pelos amigos” (João, 15, 12-13).

Trata-se, portanto, de um ensinamento de Jesus sobre o verdadeiro sentido do amor, e de qual forma o amor deve se manifestar, quer seja no amor mútuo entre os pares, ou na doação de si pelo outro. Assim, fez Jesus Cristo ao doar sua vida pelos discípulos e toda a humanidade, com o fim exclusivo de salvar seus semelhantes. E este ato de Cristo é a prova de amor, cuidado e outros sentimentos que se reúnem no ato singelo. Essa intertextualidade bíblica reforça o valor simbólico do gesto de Juarez, conferindo-lhe um caráter de sacralização da vida e do cuidado.

Nesse sentido, Juarez não age de forma diferente. Mesmo que não tenha havido o abatimento de sua vida, ele se pôs à prova, sem reservas das consequências, apenas na

tentativa de salvar a professora amiga de longas datas. Essa astúcia rápida de Juarez é perceptível como um ato do saber.

Para Foucault (1978), os saberes detêm poder. Deste modo, ele se interessa em entender a razão a partir da perspectiva de duas dimensões: a trágica, que é aquela que percebe que o louco tem um saber, uma genialidade; já a crítica é aquela que deve ser isolada, confinada, entre outros meios de exclusão social.

A atitude do cavalheiro andante reflete enquanto expressão de protesto pela gratidão e reconhecimento que brotam da sua alma, e que são características por vezes associadas ao sujeito humano racional. Portanto, a junção da gratidão, das experiências do protagonista, do fato ocorrido e sua reação imediata, constitui-se em uma leitura do sujeito pela ótica da inteligência. Segundo o dicionário *on-line* Priberam, inteligência significa “ato de entender”. Ou seja, o sujeito tido como desprovido de memórias, entendeu que, aquele exato momento, era oportuno para ele proteger a professora.

Para Aristóteles (2015), a inteligência está associada à sensação, no entanto se associa ao ato da percepção de movimentos pelos sujeitos, ainda que o indivíduo não profira tantas palavras, mas ativa a linguagem, que é a capacidade de todo ser humano estabelecer comunicação. Dito isto, para compreendermos que Juarez era dotado de inteligência e mantinha-se comunicável através dos olhares, como podemos observar em: “[...] nossos olhares se cruzaram cúmplices e silenciosos” (El Fahl, 2018, p.43). Nesse sentido, a inteligência de Juarez não se dá pela lógica racional, mas por uma racionalidade sensível, pautada na percepção e no afeto.

Este cruzamento dos olhares, entre ambos os personagens, sem palavras, tornou-se a tenra expressão de que ambas as partes estavam envolvidas reciprocamente e, em nossa opinião, esse episódio representa o clímax da narrativa. Em meio ao silêncio de ambos, apenas pela linguagem corporal e de expressão facial, as memórias do passado se resignificaram no presente de ambos. Um por ser o provedor da graça e o outro o agraciado.

Por um breve instante, o louco foi respeitado pelos que trafegavam naquele trânsito e “[...] todos obedeceram àquele guarda inusitado que num gesto de doação ímpar, me fez chorar nem sei de quê” (El Fahl, 2018, p. 43). O gesto de Juarez, portanto, configura uma manifestação da memória sensível e da racionalidade prática, frutos da sua experiência que o direcionou a realizar o ato de salvar a jovem professora. E o choro da referida

professora compreende-se em gratidão por tal gesto de quem menos se poderia esperar, tendo em vista a construção do senso comum que invalida os sujeitos desprovidos dos padrões convencionais.

O texto está, portanto, constituído de memórias. Nele se evidencia tanto a memória da narradora, que reflete sobre suas vivências e sentimentos, descrevendo-os através da literatura, quanto as memórias em vitalidade do protagonista Juarez, o foco deste estudo. São essas memórias que não apenas estruturam a narrativa, mas também confrontam a concepção tradicional que invalida o saber dos sujeitos tidos como “loucos” no senso comum.

3 ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO: A MEMÓRIA COMO VÍNCULO DE IDENTIDADE E AFETO

Ao refletirmos sobre as memórias em “Juarez”, é pertinente recorrer aos estudos da memória coletiva. A memória é construída por lembranças, esquecimentos e silenciamentos. De acordo com Le Goff (2013, p. 486) “O verbo *monere* significa ‘fazer’ ‘recordar’, de onde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’”. Nesse contexto, podemos adotar o fazer recordar, a partir das palavras que definem o termo memória para analisarmos elementos das memórias na crônica “Juarez”. Esse fazer recordar é, portanto, os acontecimentos do dia a dia que não permitem o esquecimento absoluto das marcas do passado. Com base nisso, pensa-se que a cada amanhecer Juarez tinha essa missão de vigiar, cuidar e proteger aquela família.

Das memórias contidas no texto literário, primeiramente, pensando na narradora, é possível detectar sua sensibilidade ao iniciar o texto quando apresenta as memórias da infância ao dizer da presença dos loucos nas ruas, “nos anos da minha infância, o doido da rua ou os doidos nas ruas era um fato comum[...]” (El Fahl, 2018, p. 42). Para tanto, a memória de uma criança que se torna um referencial adulto é de grande relevância para refletirmos as estruturas sociais e, sobretudo, quando é observada por uma criança.

A narradora-personagem apresenta suas memórias com o protagonista Juarez, tanto da infância como pudemos ver acima, quanto na vida adulta, ao dizer “[...] eu já me acostumara com sua presença e dei muitos bons dias e boas tardes a ele e recebia em troca ou um meneio de cabeça ou um muxoxo de desprezo ou uma careta de desdém”. (El Fahl,

2018, p. 42). Esses cumprimentos da personagem eram sempre recepcionados e correspondidos por uma gesticulação. E ela guardava essas lembranças, ao contar sua relação com Juarez.

Adiante, a narradora destaca a presença de pessoas em situação de loucura nas ruas, evidenciando que são membros constituintes do meio social. Ela afirma que “[...] todos devem se lembrar de algum em especial e guardar seu nome ou suas manias” (El Fahl, 2018, p. 1). Ao enfatizar esse trecho, a crônica parte da memória individual — a lembrança que cada um tem de um “louco” específico — para evidenciar a construção da memória coletiva de uma comunidade. Essas histórias singulares, assim, não se desassociam do arcabouço maior das memórias sociais, mostrando como o individual contribui para o universal.

Os estudos sobre memórias são vastos e são constituídos por teorias que dão sentido às memórias escritas, orais, individuais e coletivas. Na perspectiva das memórias de Juarez, podemos pensar em Platão e Aristóteles a partir dos estudos de Le Goff (2013, p. 402) quando afirma que “[...] em Aristóteles e em Platão, a memória é um componente da alma, não se manifesta, contudo ao nível de sua parte intelectual, mas, unicamente da sua parte sensível”.

Para tanto, temos construído um pensamento acerca da sensibilidade de Juarez. Mesmo que o protagonista não se guie pela racionalidade pautada na intelectualidade, ele possui uma sensibilidade mais profunda, que emana da alma. É a partir dessa profundidade anímica que o sujeito sensível, como Juarez, expressa suas emoções e sua forma singular de interagir com o mundo.

Constata-se que as memórias de Juarez são tão vivas quanto as da narradora-personagem, por estarem presentes ao longo do tempo. Por exemplo, a aproximação com a rua, o local onde a família dela residia e o cuidado para com a própria narradora, dizem muito de suas experiências anteriores à alteração de sua condição cognitiva. Juarez mantinha guardadas tais memórias, que eram cultivadas através de suas emoções.

É possível consultar experiências com a memória nas Sagradas Escrituras, tanto no Velho quanto no Novo Testamento, nos quais a memória é construída pela fé em relação ao criador. No *Deuteronômio*, trata-se de uma lembrança de gratidão, como exemplificam os versículos: “Guarda-te de esqueceres Javé, teu Deus, negligenciando seus mandamentos, normas e estatutos [...]” (8,11); e “Não esqueças então Javé, teu Deus, que

te fez sair da terra do Egito, da casa da servidão [...]” (8,14), (Bíblia, 1957, p. 522). Ainda sob essa perspectiva sagrada, podemos consultar no *Novo Testamento*, evangelho de São Lucas (22, 19), em que Jesus, na última ceia, diz aos discípulos que aquela prática de dar graças e repartir o pão deve ser feita sempre em sua memória. Essa ênfase na rememoração contínua é a base para que, no cristianismo, se conserve a Ceia do Senhor e, em particular na Igreja Católica, a liturgia Eucarística seja constituída por toda a memória da morte, paixão e ressurreição de Jesus (Bíblia, 1957, p. 510).

A obra em evidência é constituída por memórias coletivas, levando em consideração que as “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos” (Halbwachs, 1968, p. 26). O caráter coletivo das memórias de Juarez é central na narrativa, onde a cronista distingue claramente o tempo anterior e posterior à sua perda de razão. O relato é construído a partir da convivência da narradora com o protagonista e se enriquece com episódios cruciais de sua história, que foram contados e transmitidos por outros personagens.

Sabe-se que a memória individual constitui a coletiva, a partir das experiências isoladas de cada sujeito. O protagonista da crônica, por exemplo, bem representa esta memória individual que impacta no coletivo. Pois, o ato de Juarez informar à visitante que a professora não estivera em casa, do mesmo modo que o protagonista socorreu a professora naquele instante de desespero, denota que as suas experiências construíram outras experiências coletivas, para além de limitar-se à razão, tendo em evidência a força que emana das memórias do coração.

Le Goff (2013, p. 390) demonstra a proximidade com a ideia da memória individual pela visão clínica, tornando saber que:

[...] os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exerce sobre a memória individual.

Deste modo, compreende-se que a memória individual não se limita a questões conscientes, nem somente dos episódios que são lembrados no instante pelo sujeito. A

memória construída por um sujeito pode ser também lembrada por outros que participaram, assistiram ao episódio, entre outros.

Também Le Goff (2013) nos conduz à reflexão de que na construção da memória individual, a afetividade, o desejo e a inibição, entre outros, compõem este aparato individual que conseqüentemente extrapola para o coletivo. Sem perder de vista as características convencionais de um “louco”, a narrativa caracteriza Juarez a um traço comum entre eles, que é “sempre acompanhado por seus sacos e latas e pertences e despojos de outras vidas e de outros tempos” (El Fahl, 2018, p. 41).

Essas características de guardar coisas velhas, juntar latas e outros objetos que estão em desuso, também constituem um significado para estes sujeitos. Quando ajustamos nosso olhar para perceber o outro com a sua história e suas memórias, melhor compreenderemos que cada item tem seu significado singular para o portador. Não deve ser visto por acaso, ou pensado por ser excesso de loucura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Walter Benjamin (1994), a crônica “Juarez”, com suas características peculiares de narrativa literária, não se configura como uma narrativa pronta que contém explicações para todos os fatos. O texto literário, afinal, não existe em favor da informação, mas da narrativa em si. Por isso, o contexto psicológico das ações na obra não deve ser imposto ao leitor, tendo em vista que o leitor é livre para interpretar a realidade de acordo com o *alter ego* que emerge do texto ficcional. É por essa razão que a obra atinge uma amplitude que não é alcançada pela mera informação básica.

Nosso interesse em discutir a “loucura e a memória” visa instigar o leitor a refletir sobre o apagamento social que isola tanto as pessoas que operam por lógicas não convencionais quanto as memórias que são, por vezes, ocultadas. O estudo demonstrou que, ao articular razão, sensibilidade e religiosidade, a crônica de El Fahl tensiona os limites entre sanidade e sabedoria, entre o marginal e o humano. Assim, a literatura, enquanto protagonista da ascensão dos sujeitos marginalizados e propagadora de possibilidades, proporciona, através da narrativa, um diálogo significativo com esses sujeitos e suas memórias.

JUAREZ: O LOUCO EM UMA MEMÓRIA SENSÍVEL – ANDRADE, Renê Souza; ARAÚJO, Arnulfo Neto B.

O personagem Juarez, com poucas palavras e muitos sentimentos, alcança a experiência dos leitores que buscam, por vezes, razão em tudo ou nas palavras. No entanto, para compreender o protagonista, é necessário que o leitor desvende os movimentos e expressões corporais do personagem que rememoram suas experiências de vida de tempos anteriores. O leitor precisa observar os movimentos de Juarez, à medida que são narrados no texto, para que possa apreender o que buscamos discutir no presente trabalho a partir da crônica "Juarez".

Esta crônica é, portanto, composta por pistas que encaminham ao cerne principal da questão: a memória de um louco. Ao longo do fluxo dos parágrafos, este mapa aproxima os leitores de uma novidade, de mistérios que são apagados ou despercebidos em um personagem que representa tantos outros sujeitos da sociedade, por vezes ocultados.

Em suma, os marcadores encontrados na obra em discussão foram as emoções humanas, a sensibilidade, a saudade e as memórias. Esses elementos nós identificamos no tempo presente. Contudo, o texto literário não se esgota aqui; é necessário que você, caro leitor, também possa desvendar mistérios em Juarez, enquanto nós continuaremos, incessantemente, nessa busca.

Dessa forma, reafirma-se a literatura como espaço de preservação da memória social e de reconhecimento do sujeito sensível, para além dos limites da razão.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, introdução e notas de Eudoro de Sousa. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

ASSIS, Machado de. O Alienista. In: ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro, Lombaerts & C., 1882, p. 1-90. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4774>>. Acesso em: 2 abr. 2026.

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Typ. "Revista dos Tribunaes", 1915. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4361?locale=en>>. Acesso em: 2 abr. 2026.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BÍBLIA. Tradução dos Monges de Maredsous. São Paulo: Ave-Maria, 1957.

BÍBLIA SAGRADA. *João, 15, 12-13*. Tradução Oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

BENJAMIN, Walter. O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Francisco de Robles, 1605. Disponível em: <<https://cvc.cervantes.es/literatura/clasicos/quijote/edicion/default.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2026.

EL FAHL, Alana Freitas. A crônica de Lulu Parola: a cidade de Salvador e o projeto de modernização. *Revista Léguas e Meia, [S. l.]*, v. 4, n. 1, p. 33-47, 2017. DOI: 10.13102/lm.v4i1.2009. Disponível em: <<https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/2009>>. Acesso em: 2 abr. 2026.

EL FAHL, Alana Freitas. *Nós que apagamos a lua: 21 histórias para guardar*. Feira de Santana: Editora Zarte, 2018.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Trad. Jayme Salomão. V. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 163-172.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 7. ed., São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [S. l.]: Priberam Informática, [2008]. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Ática, 1989.

SCLIAR, Moacyr. *O texto, ou: a vida – Uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

